

# Feira Livre como Lugar Privilegiado para a (Re)produção e (Re)invenção de Práticas Espaciais e Socioculturais Populares: a Feira Livre de Ceará-Mirim (RN)

*José Erimar dos Santos<sup>1</sup>*

*Anelino Francisco da Silva<sup>2</sup>*

*Marília Medeiros Soares<sup>3</sup>*

*Sâmia Érika Alves de Caldas Bandeira<sup>4</sup>*

## **Resumo**

Objetivamos analisar a dinâmica econômica e sociocultural da Feira Livre de Ceará-Mirim. Esta é uma instituição que tem como função principal a negociação de produtos extremamente importantes para a economia de seu município. A metodologia envolve pesquisa bibliográfica em internet, artigos científicos e dissertações de mestrado, bem como a realização de entrevistas semi-estruturadas junto aos feirantes locais. A referida feira se configura num espaço de sobrevivência de muitos sujeitos potiguares, caracterizando-se não somente através das formas de comércio pelas quais as pessoas sobrevivem, mas a partir do fazer e da criatividade num processo de trabalho e reprodução cultural ímpar.

**Palavras-chave:** Feira livre; Ceará-Mirim; Cultura Popular.

## **Free Market as Privileged Place for the (re)production and (re)invention of Spatial Practices and Sociocultural Popular: the Free Market of Ceará-Mirim (RN)**

## **Abstract**

We aimed to analyze the dynamics of economic and sociocultural Free Market of Ceará-Mirim. This is a institution that has as main function to add products trading extremely important for the economy of the municipality. The methodology is composed of internet, journal articles and dissertations, and conducting semi-structured interviews with the local merchants. That free market is configured in a space survival of many subjects potiguares, characterized not only by the forms of trade in which people survive, but from the making and creativity in a work process and cultural reproduction odd.

**Key words:** Free Market; Ceará-Mirim; Popular Culture.

---

1 Doutorando do Programa de Pós-Graduação e Pesquisa em Geografia pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte e bolsista CAPES.

2 Pós-Doutor e Professor do Programa de Pós-Graduação e Pesquisa em Geografia da UFRN.

3 Mestre em Geografia pelo Programa de Pós-Graduação e Pesquisa em Geografia da UFRN e Professora do Curso de Turismo na UERN, Campus de Natal-RN.

4 Mestre em Geografia pelo Programa de Pós-Graduação e Pesquisa em Geografia da UFRN.

## Introdução

Frente ao avanço do período e meio técnico-científico-informacional, proporcionadores de formas de comércio diversas, como é o caso daquelas que se fazem sem sair-se de casa através da internet e do telefone, as feiras livres enquanto formas de comércio que são, destacam-se como atividades importantes para a economia das cidades onde ocorrem, muito embora apresentando parcelas mínimas do Produto Interno Bruto (PIB) municipal e sua forma artesanal.

O período técnico-científico-informacional, tempo atual do espaço geográfico, cujo conteúdo compõe-se de uma natureza técnica, científica e informacional. Conforme Santos (1994; 2008; 2005; 2009) e Santos e Silveira (2002), o meio geográfico resultante e de mesmo nome, produz-se da intensidade, em sua estrutura, da aplicação da tecnologia, da ciência e da informação no processo produtivo. Segundo Santos (2005, p. 121), é a partir do final da Segunda Guerra Mundial que “o território vai se mostrando cada dia que passa com um conteúdo maior em ciência, em tecnologia e em informação”. Para esse autor, a componente informação é quem vai ser, nesse período, o grande regedor das ações que definem novas realidades espaciais, dando ao meio e aos seus objetos e ações uma organização típica desse processo. Assim, o meio técnico-científico-informacional é, portanto, “um meio geográfico onde o território inclui obrigatoriamente ciência, tecnologia e informação” (SANTOS, 2008, p. 41), resultante do período/tempo de mesmo nome, fato que favorece e compromete a dinâmica das feiras livres na contemporaneidade.

Os efeitos desse período são materializados em objetos e ações, por um lado modernos e aqueles não-modernos, mas resultantes de um mesmo processo – o desenvolvimento do capital, fato que fez/faz uma massa muito grande de pessoas buscarem formas diversas de sobrevivência, sobretudo na cidade, como é o caso das feiras livres, configurando processos e resistências de (re)produção socioespacial e cultural, merecedores de análises geográficas. Essa massa que no espaço citadino buscam sobreviver de formas diversas, juntamente com as atividades que realizam, constitui aquilo que Santos (1979) chamou de circuito inferior da economia urbana, do qual a atividade feira livre é representativa, conforme J. E. dos Santos (2012).

Este artigo analisa a Feira Livre de Ceará-Mirim (RN), destacando os seus principais aspectos, como a dinâmica econômica, socioespacial e cultural, na busca de conhecer a sua origem, crescimento e, o seu processo de funcionamento e importância na dinâmica cotidiana dos sujeitos que dela participam (feirantes e consumidores), sua

estruturação e atual realidade como expressão do circuito inferior da economia urbana, marcada pela (re)produção e (re)invenção de práticas socioculturais camponesas e cidadinas.

O mote deste trabalho decorreu das reflexões feitas no transcurso de leituras e debates desenvolvidos durante a disciplina *Território e Identidade*, ministrada pelo professor Anelino Francisco da Silva do Programa de Pós-Graduação e Pesquisa em Geografia da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (PPGE/UFRN). O interesse pela temática surgiu mediante uma visita à cidade de Ceará-Mirim, em que pudemos perceber que o simples ato de feirantes e consumidores de ir à feira livre local, que acontece semanalmente nessa cidade potiguar, se transforma numa teia de ações de múltiplos símbolos culturais, com destaque para aquelas ações e particularidades específicas do meio geográfico ainda considerado “dicotômico” na literatura geográfica (rural e urbano), presente na materialidade de objetos comercializados no acontecer desta feira.

Para tanto, foram feitas pesquisa bibliográfica, visando uma fundamentação teórica e compreensão dos processos apresentados e pesquisa de campo, na tentativa de buscarmos dados referentes à sua origem, produtos comercializados, seus consumidores dentre outros aspectos. Defendemos a hipótese de que a Feira Livre de Ceará-Mirim, com processo e forma distintos de épocas passadas, ainda se configura como um fenômeno geográfico de fundamental relevância para os sujeitos que dela fazem parte e para a dinâmica da cidade, ligando campo e cidade e municípios circunvizinhos, nos dias de sua realização, além de perpetuar a cultura popular nela existente e resistente.

### **O Lugar da Pesquisa: Um Pouco Sobre Ceará-Mirim (RN)**

A criação do município que hoje conhecemos como Ceará-Mirim, situado a 28 km de Natal, capital do Rio Grande do Norte, Brasil, data da segunda metade do século XVIII, 1759. De acordo com informações do IBGE (2005), o Município de Ceará-Mirim tem sua história ligada aos índios Potiguares que viviam às margens do rio Pequeno, tempos depois chamado rio Ceará-Mirim, que mediante as influências dos colonizadores, sobretudo espanhóis e franceses e, também, com os portugueses comercializavam o pau-brasil, recebendo em troca, especiarias. Essa madeira (o pau-brasil), como sabemos, foi quase extinta da costa litorânea do Rio Grande do Norte e do Brasil, existindo na atualidade pequenas quantidade delas espalhadas em áreas de conservação florestal

pelo território nacional, bem como foi extintos também esses primeiros homens do início deste atual meio geográfico potiguar.

A partir da relação dos primeiros homens com aquele espaço foram-se construindo elementos geográficos que possibilitaram o desenvolvimento do povoado. Dentre esses estavam fixos geográficos como a igreja católica, representando a ordem religiosa hegemônica do momento, a cadeia representando a ordem estatal, juntamente com a câmara municipal, como elementos de organização do espaço inicial e norma da sociedade que passava a se desenvolver ali naquele território, juntamente com a atividade econômica canavieira, muito representativa até os dias atuais na economia do referido município.

Ceará-Mirim possui uma população de 68.141 hab., de acordo com o IBGE (2010). E a feira livre já existe há mais de 100 anos. Nesse sentido, para compreendermos melhor essa atividade econômica, socioespacial e cultural, precisamos saber, de um modo geral, um pouco do seu contexto no espaço urbano.

### **A Feira no Contexto do Espaço Urbano**

Antes de determo-nos aos objetivos propostos, necessário é conhecermos melhor a forma econômica e sociocultural que é a feira livre dentro do contexto da história da cidade. Isso é importante pelo fato de sabermos que não estamos lidando com um fenômeno recente e também porque é importante conhecermos melhor o seu processo, forma, função e estrutura, a fim de compreendermos melhor a sua geograficidade ao longo do espaço e do tempo.

De uma maneira geral as feiras livres são parte do processo de existência das pequenas cidades, sobretudo no Nordeste brasileiro, em que é demasiadamente grande o número daquelas cidades que surgiram a partir de uma feira livre. Nessa região, essas atividades econômicas, socioculturais e espaciais se tornaram berçários de relações materiais e imateriais, cujo reflexo é a materialização de tradições e costumes, fato que se constituem em importantes funções de relações diversas estabelecidas entre os sujeitos frequentadores de interesses diversos, no processo de busca de suas satisfações e necessidades. E nesse processo, fica evidente que o modo de vida camponês perpassa o seu espaço de acontecimento e se materializa na cidade (na feira livre) sem perder sua identidade cultural, política e socioespacial.

Dessa forma, com relação à feira livre no contexto das cidades, é preciso fazer um resgate, ainda que sucinto e breve acerca da história da cidade. Nesse sentido,

buscando-se entender melhor a gênese da cidade, notamos que não há uma definição singular que seja capaz de englobar sua manifestação, descrição e transformações, conforme Mumford (1998).

No seu transcurso histórico, nasce na cidade, a esfera econômica proporcionada, em um primeiro momento, pelos processos do neolítico, que ocasionou, dentre outros acontecimentos, a possibilidade do homem se sedentarizar. Esse fato o instigou, ainda a aumentar os excedentes, tornando maior por sua vez o número de pessoas desocupadas que iam se dedicando às diversas atividades que iam surgindo e fazendo surgir outras, como por exemplo, invenção e aperfeiçoamento de ferramentas de trabalho, confecções em cerâmicas úteis à vida doméstica (MUMFORD, 1998).

Mediante o crescimento e o desenvolvimento do sistema econômico, a cidade passou a se desenvolver e a crescer. Uma das causas desse crescimento foi o sistema de transporte, pois este possibilitou à cidade a apresentar dinamicidade, aumentando o seu alcance e sua produtividade. Dessa forma, o aparecimento da cidade é atual dos aperfeiçoamentos do sistema de navegações (MUMFORD, 1998), nesse caso, do sistema de transporte marítimo.

Com o passar do tempo, o sistema capitalista introduziu, mais precisamente em sua fase inicial, na cidade medieval, os costumes da chamada praça de mercado, local onde se realizavam trocas entre os mercadores. Mais tarde, com a expansão e consolidação desse sistema, essa forma de mercado passou a existir, como é o caso das feiras livres, presentes em muitas cidades brasileiras e, em especial, na Região Nordeste do Brasil.

Vale salientar que uma das referências mais antigas que podemos inferir sobre feiras é aquela passagem bíblica do Evangelho de São João (BÍBLIA SAGRADA, 1991, cap. 2. v. 13 a 17), no qual, afirma-se que subindo para Jerusalém, Jesus encontra, no Templo de Jerusalém, os vendedores de bois, ovelhas e pombas, e os cambistas sentados comercializando produtos diversos. De acordo com a referida passagem bíblica percebemos sinais de feiras já no período em que Jesus Cristo viveu na terra, pois a citação acima nos mostra a existência, já naquele período histórico, dos mercadores, feirantes que comercializavam em locais fechados – os mercados.

No entanto, ainda de acordo com a literatura sobre a história da urbe, a partir do século XVII, essa forma de mercado era constante na cidade, pois se realizava todos os dias. Conforme Mumford (1998), fazer compras já foi motivo para que a dona de casa se

vestisse e saísse de casa. A feira livre representava esse espaço onde a dona-de-casa exibia sua pessoa.

Desde o início das feiras, tudo o que estava às amostras nesses espaços se achavam à venda e, praticamente, tudo estava às amostras em um amontoado só (aves, cavalos, cereais, frutos, peixes, especiarias, tecidos, porcos etc.). As ruelas das principais cidades, após essa atividade comercial ficavam imundas, pois eram muitos os dejetos dos animais misturados a outros restos (lixos), existindo, portanto, uma desorganização espacial, como ocorre, em certos casos, ainda hoje, em alguns espaços destinados a essa prática comercial e sociocultural, cuja causa maior é a falta de uma atenção maior do poder público<sup>5</sup> para com as feiras, que são tão importantes para o espaço onde se realizam.

As feiras livres eram conhecidas por gregos e romanos. Com a revolução do comércio, conhecida como renascimento comercial, ocorrida no século XI e XII, é que o seu papel se torna verdadeiramente importante, assumindo uma posição vertiginosa até o século XIII. O renascimento comercial possibilitou que mercadores, originários de várias territorialidades se cruzassem e realizassem feiras livres em várias cidades (HUBERMAN, 1986). Ainda nesse período, não existia procura intensa de mercadorias, em todas as regiões, que fizessem com que os estabelecimentos comerciais realizassem venda durante o ano todo, possibilitando que as cidades dispusessem de comércio permanente, conforme afirma esse mesmo autor as feiras periódicas na Inglaterra, França, Bélgica, Alemanha e Itália constituíam um passo em prol do comércio estável e permanente nesses lugares.

Percebemos que a literatura sobre feira livre deixa evidente, que as civilizações antigas já praticavam a comercialização de produtos em locais, semelhantes às feiras atuais. No entanto, notamos também que as feiras só se tornaram instrumentos oficializados na Baixa Idade Média (HUBERMAN, 1986), devido ao renascimento urbano e comercial ocorrido na Europa.

O renascimento urbano e comercial trouxe o intercâmbio cada vez mais intenso de mercadorias, acentuado em virtude da necessidade de um lugar comercializar mais intensamente os excedentes da produção que passou a ser intensa, entrando, esses lugares em ligação/contato com outros lugares e produtos diversos provenientes de outras regiões (HUBERMAN, 1986).

---

<sup>5</sup> Muitas vezes, a ação do poder público para com as feiras, na atualidade, se destina a mudá-las de lugar, cujo objetivo maior é a cobranças de impostos.

A feira livre é uma instituição que tem como função principal agregar a negociação de produtos excedentes. Um lugar colorido, movimentado e cheio de sons, na primeira vez que nos deparamos com esses espaços já que sua forma esconde uma estrutura diversa e singular, cujos processos e funções se materializam numa paisagem complexa. É singular o visual das feiras, aquele visual colorido de frutas, legumes, roupas etc., iluminados pela luz solar que se infiltra através da cobertura das lonas, frestas ou espaços entre os amontoados de barracas. Essa característica da paisagem não foge à Feira Livre de Ceará-Mirim.

### **A Feira Livre de Ceará-Mirim: Características, Práticas Espaciais, Diversidades e Singularidades**

Nesse tópico buscamos compreender os principais aspectos da feira livre de Ceará-Mirim. Nesse sentido é oportuno discutirmos a dinâmica econômica e socioespacial, sua origem, crescimento e sua importância para esse município, analisando o seu processo de funcionamento no espaço e na vida cotidiana dos sujeitos que dela participam e sua estruturação<sup>6</sup>, que do ponto de vista da economia urbana se insere no circuito inferior da economia (SANTOS, 1979), para quem o circuito inferior consiste de atividades em pequenas escalas e são praticadas pela parcela da população que não tem acesso às atividades econômicas do circuito superior, por falta de “qualificação profissional”, segundo a massa capitalista dominante, configurando-se de forma “primitiva” do ponto de vista organizacional. São exemplos as atividades da economia informal praticadas por ambulantes, carregadores e pequenos comércios, os denominados pobres. Para Santos (1979), contrariamente ao circuito superior, o inferior é bem sedimentado e goza de relações privilegiadas com sua região.

A respeito da origem dessa feira, Melo (2005), nos mostra que ela remonta à própria gênese do território ceará-miriense, sendo estabelecida, a princípio, próxima ao rio Ceará-Mirim debaixo das árvores, acontecendo aos domingos. Depois passou a ter cobertura de palha e bambu para abrigar os produtos comercializados e os feirantes-vendedores.

Para esse autor, naquela época essa feira atraía moradores das vizinhanças, com, por exemplo, de Gravatá, Massangana, Itapassaroca e outras localidades, que vinham à

---

<sup>6</sup> No processo que envolve a organização das feiras livres exige-se uma participação comunitária, uma estrutura que busque agradar à população local e se adaptar ao espaço onde ocorre, refletindo no final das contas a alegria do povo brasileiro, participando dessa estrutura seres diversos: idosos, crianças, cachorros, trabalhadores, casais, mendigos, em um mesmo espaço.

feira através de charrete, carro-de-boi ou de acordo com as condições materiais de transporte de cada um. Assim, na feira desse período quase não se vendiam; pois se davam, não se vendiam as mercadorias/produtos (MELO, 2005). Com a edificação do Mercado Público em 1881, de iniciativa do Coronel Onofre Soares, a feira livre se deslocou para esse espaço e arredores.

No início do século XX, com a montagem da linha de trem, essa feira ganhou novo crescimento, devido à nova circulação de moeda que passou a se fazer presente com mais intento naquela localidade, nesse período.

Na feira livre de Ceará-Mirim, percebemos uma enorme contribuição para a sociedade deste município, como um todo. Essa contribuição diz respeito tanto em termos econômicos, cultural, quanto e, sobretudo em termos sociais, pois é um espaço que se configura no desenvolvimento do povo daquele município, se configurando naquilo que Santos (1979) chama de circuito inferior da economia.

De acordo com esse geógrafo, o desenvolvimento do modo de produção capitalista produziu distintas realidades sociais e espaciais. Esse processo é responsável por uma massa de pessoas com salários baixos, vivendo de atividades ocasionais, ao lado de uma minoria cujas rendas são muito elevadas (SANTOS, 1979). Essa característica é responsável por diferenças quantitativas e qualitativas no consumo, as quais são a causa e o efeito da criação ou da manutenção, no tocante à produção, distribuição e consumo dos bens e serviços (SANTOS, 1979).

Essa situação cria uma divisão entre aqueles que podem consumir o que precisam e aqueles que têm as mesmas necessidades, mas que, porém não podem satisfazê-las. Isso cria o que Milton Santos chamou de circuito superior e circuito inferior da economia. Nesse sentido, temos o circuito superior constituído, pelos bancos, indústria e comércio de exportação, serviços modernos, atacadistas etc.; e o circuito inferior, sendo constituído por formas de fabricação não pautada no uso do capital intensivo, mas pelos serviços não-modernos fornecidos a varejo e pelo comércio não-moderno e de pequena dimensão (SANTOS, 1979), como as feiras livres.

Apresentando algumas características do circuito inferior, (tais como: a organização das atividades de modo primitivo, ou seja, os produtos expostos em suportes improvisados ou no calçamento das ruas; os preços, que são submetidos à negociação através da comunicação estabelecida entre feirantes-vendedor e feirante-consumidor; a relação entre os feirantes e consumidores, que são permeadas por elementos simbólicos e sociabilidades; e a reutilização dos bens. A Feira Livre de Ceará-Mirim se configura num

lugar de sobrevivência de muitos sujeitos potiguares. Isso é importante uma vez que percebemos que não é somente através das formas de comércio moderno, como se prega, que as pessoas conseguem sobreviver. Mas a partir do prazer e da criatividade, num processo de trabalho e relações socioculturais diversas tal qual é a feira em tela. Em outras palavras, no interior da feira livre não acontece apenas às relações formais de comercialização, uma vez que percebemos também as relações de comunidade, isto é, o sentimento de cooperação, amizade, sociabilidade que permeiam as relações comerciais entre os feirantes-vendedores e os feirantes-consumidores, conforme constatamos em Gonçalves (2007).

A Feira Livre de Ceará-Mirim apresenta como organização das atividades aquela não-burocrática. Essa organização se configura como típica do circuito inferior, pois é do tipo “primitiva”. Exemplo disso é a organização das barracas nos padrões de forma rudimentar e ou/simples.

Com relação aos preços dos produtos estes não são fixos, sendo submetidos à discussão entre os feirantes-comerciantes e os consumidores. Percebemos a prática da pechincha entre feirante e consumidor. Com relação a esta característica, Santos (1979) afirma que a pechincha, é a discussão estabelecida entre o comprador e o vendedor sobre o preço de uma mercadoria, é um dos aspectos mais característicos da formação dos preços no circuito inferior, portanto da feira em tela.

No que concerne à relação entre os feirantes e os consumidores essa se dá nos padrões menos impessoais possíveis. É notória conversa entre feirante e consumidor no que diz respeito ao preço e aos produtos; consumidores que só compram àqueles feirantes. Uma característica muito marcante é o fato de a conversa entre esses sujeitos não centrarem-se apenas nos negócios, mas em questões ligadas ao cotidiano de ambos, da cidade, da região e até do mundo. Ou seja, são:

Nesses espaços das conversas, das tradições, dos encontros, das transgressões, das experiências, das compras, vendas e permutas, das jocosidades, das performances corporais e orais, enfim, das cores, odores e sonoridades que se misturam e se dissolvem, inúmeras pessoas efetuam as reproduções sociais e capitalistas da vida cotidiana. Dessa maneira, a feira se institui, antes de tudo, em um espaço de mobilidades comerciais e sociais onde, por meio das diversificadas dinâmicas, ergue-se uma rede de sociabilidades vivenciadas pelos agentes sociais no âmbito dos territórios construídos (MORAIS e ARAÚJO, 2006, p. 267).

Assim, recordando Almeida (2009), que confere à feira um lugar de encontros e desencontros, notamos na feira livre de Ceará-Mirim, a constituição de um ambiente de

diversas relações socioculturais; fator percebido na complexa paisagem cuja diversidade, tanto nas mercadorias expostas e vendidas, bem como em relação aos sujeitos que fazem com que essa se realize da maneira processual.

Essa diversidade também pode ser percebida quando analisando sua paisagem e estrutura notamos que essa feira condensa sujeitos socioespaciais de várias classes sociais, haja vista, se fazerem presentes nela desde assalariados, até microempresários do município e região de entorno. Isso mostra o caráter que essa feira tem de exercer uma de suas funções que é a de ofertar diversidade de interesses em seu acontecer.

A reutilização dos bens é uma expressão muito visível na Feira Livre de Ceará-Mirim. Com relação a isso, Santos (1979) nos lembra que o circuito inferior também pode ser relacionado à fórmula de Lavoisier: Nada se perde, nada se cria, tudo se transforma. Nessa feira as caixas de papelão servem para forrar suporte de colocar os produtos, o pedaço de madeira se transforma em base para colocar o feijão verde ou outro produto. Em suma, a reutilização de instrumentos e equipamentos de trabalho continua sendo uma característica central na definição do circuito inferior (SILVEIRA, 2007).

Ao mesmo tempo em que sujeitos sociais de várias faixas etárias buscam na feira sua sobrevivência, superaram, nessa atividade, a carência de trabalho representada pelos mercados, mercadinhos e supermercados presentes em Ceará-Mirim. A feira como elemento de contrastes a essas formas de comércio, diversifica a comercialização, na qual a característica principal é o contato íntimo entre feirante-comprador e feirante-vendedor, nos fazendo perceber que, embora as formas do comércio moderno sejam uma constante em todos os espaços citadinos hoje, a tradicional Feira Livre de Ceará-Mirim, é para os sujeitos sociais que fazem parte dessa atividade comercial e cultural, uma realidade ativa e resistente. Dessa forma, é um lugar multicultural, complexo e de variedade ampla no que concerne aos sujeitos que a ela frequentam e ideais, se configurando num aspecto identitário do município, devido a sua importância e contribuição para a dinâmica do mesmo.

Ela ocorre semanalmente, num sistema de ação que congrega moradores do território ceará-miriense, tanto da cidade quanto do meio rural, nas proximidades do Mercado Público Central, do Mercado das Verduras e do Mercado das Carnes. Nessa feira percebemos uma presença forte de laços de sociabilidade distintos entre os sujeitos que dela fazem parte, feirantes-vendedores e feirantes-compradores, fato que conforme, já mencionado aproxima a feira da cultura popular, pois embora sendo uma manifestação

do comércio, não perde seu caráter lúdico e divertido, numa possibilidade de integração social, marcada por celebração de costumes, parecendo uma festa<sup>7</sup>.

Ao redor do Mercado Público Central, notamos uma movimentação muito intensa. Há um significativo fluxo de pedestres, intenso trânsito de carros, de ônibus e de caminhões, que aos sábados (dia em que acontece essa feira), se voltam quase que, exclusivamente, para a movimentação que a feira livre ocasiona, além de muitas motos, bicicletas e algumas carroças.

Semelhante às outras feiras livres que acontecem em muitas outras cidades do interior da Região Nordeste do Brasil, seu clímax de visitação se dá em torno das 5 horas da manhã e aproximadamente às 10 horas da manhã, nos sábados. O fluxo de transeuntes, pra lá e pra cá, na feira é de moradores da zona urbana e rural de Ceará-Mirim, bem como de outros municípios vizinhos (Natal, Extremoz, Maxaranguape, São Gonçalo do Amarante e Ielmo Marinho). Porém, seu fluxo maior é de sujeitos ceará-miriense, que buscam adquirir, dentre outras coisas cereais, calçados, roupas etc. Dessa forma, a feira gera significativa mobilidade, ocasionando não somente dinâmicas de pessoas dentro do próprio município, mas instigando e constituindo migrações pendulares, tanto de feirantes-vendedores, quanto de feirantes-consumidores.

Dessa forma, sendo o território resultado de ações dos homens no processo de organização do espaço, tanto do ponto de vista jurídico, como cultural e economicamente e, a territorialidade, forma de controle sobre certa área ou espaço, para influenciar ou controlar recursos, fenômenos, relações e pessoas (SAQUET, 2007), a Feira Livre de Ceará-Mirim não foge a essa regra.

Em outras palavras, o recorte espacial delimitado para a ocorrência dessa feira livre se subdivide em vários territórios cuja característica marcante é a presença dos diversos produtos a serem comercializados, num território marcado pela efemeridade. Partindo disso, temos o território das verduras, comercializadas num espaço contíguo; o território da carne, onde são comercializados/vendidos carnes, peixes e aves. Esses dois territórios estão vizinhos ao Mercado Público. Nesse mercado é possível tomar café da

---

<sup>7</sup>“A festa possui uma dupla e contraditória potencialização entre conservação e criatividade cultural. De um lado, empurra o indivíduo à fuga, à evasão da realidade banal, do cotidiano, para mergulhar no momento mágico da festa, que é também o momento do sagrado e do caos primordial. Esta evasão é provocada pelas técnicas que constituem a parte essencial da instituição festiva: o riso, o jogo, a dança, a música, a alegria, o descontrole orgiástico, o dramático etc. De outro lado, o clima festivo abre uma possibilidade psicológica e fornece uma carga de energia psíquica que permite ao indivíduo enfrentar com vigor e independência criativa as batalhas do cotidiano.” (FERREIRA, 2006, p. 114). Essas características são muito semelhante ao universo feira livre, sobretudo quando interagimos com os sujeitos socioespaciais que a fazem: feirantes-vendedores e feirantes-consumidores.

manhã, com caldo de cana, pastel e pães. Almoçar pratos típicos da região como, a macaxeira, o picado, a galinha caipira, o carneiro, o porco, a carne de sol etc. Em suma, o Mercado Público concentra transeuntes, visitantes, turistas, feirantes, consumidores etc.

Nas imediações desse mercado a paisagem que vemos é de produtos organizados em pequenas bancas. Estas dispostas em filas conforme as saliências das ruas e paralelas entre si. Nelas há venda de roupas, brinquedos, utensílios domésticos, artesanato, artigos de couro, fumo, bacias, roupas, DVDs e CDs, calçados entre outros. Muitas dessas mercadorias são produzidas pelos feirantes-vendedores, um pouco mais de 50%. Aqueles produtos vegetais muito presentes na referida feira são produzidos parte no meio rural do município de Ceará-Mirim e parte no meio urbano, conforme vendedores, fato que mostra a imbricação desses dois meios, nos dias atuais, embora sempre tratados na literatura geográfica como “dicotomias”.

Outro fato que merece destaque na feira em tela é a adaptabilidade dos produtos às estações do ano. Os produtos ligados à agricultura de subsistência, talvez a maioria nesta feira, são mais abundantes nos períodos de precipitação pluviométrica, ao passo que nos períodos de estiagem se destacam com mais frequência aqueles produtos industrializados. Isso mostra que a feira tem uma sazonalidade quanto aos produtos comercializados, já que de certa maneira esse ciclo natural, (o período chuvoso) favorece e contribui para a existência da feira, como ocorre em todo o Nordeste brasileiro.

Desempenhando um importante papel na dinâmica econômica urbana e municipal de Ceará-Mirim, a feira em tela também tem uma importância muito grande do ponto de vista cultural, político, sendo relevante, portanto em várias esferas, dada essa capacidade diversa e complexa do seu acontecer enquanto um espaço efêmero que é por natureza, que se organiza e se (des)organiza periodicamente.

Associando as feiras livres brasileiras à cultura popular, Guimarães (2010) apresenta essas atividades econômicas e socioespaciais e culturais – as feiras – como episódios que carregam em sua realização a ludicidade. Sendo um lugar marcado pelo caráter passageiro, dada sua periodicidade, na feira livre de Ceará-Mirim evidenciamos essas características afirmadas por essa autora, pois isso está expresso na expressão de satisfação dos feirantes-vendedores, na diversidade e complexidade das mercadorias comercializadas, que se constituem de produtos artesanais, hortaliças, produtos agrícolas, bebidas, produtos agrícolas e industrializados etc., bem como evidenciamos também na forma da própria feira em estudo. Dessa forma, as feiras livres são lugares de

(re)produção socioespacial, locus de manifestação da cultura popular (GUIMARÃES, 2010) e aprendizagem e trocas de saberes (ALMEIDA, 2009).

Fazendo um paralelo com a questão do sagrado e do profano, corriqueiro na festa popular, comum em festas de padroeiros do interior do Nordeste, na feira notamos a marca da religiosidade, seja através da sua gênese, barracas com produtos religiosos, crenças etc., o que representa o sagrado; por outro lado, quando percebemos os transeuntes e visitantes, turistas, espectadores paquerando e ouvimos frases do tipo: “Moça bonita não paga, mas também não leva”, pronunciadas pelos feirantes-vendedores, identificamos aí o profano se manifestando e contribuindo com o sistema de ações que permeia a feira.

Juntamente com a mobilidade e circulação de pessoas e mercadorias esse avivamento de cultura popular se torna mais marcante, pois deixa imbuída nos participantes dessa atividade o sentimento de pertencimento, já que isso é o que constatamos em conversas informais com os visitantes e demais sujeitos socioespaciais que frequentam a Feira Livre de Ceará-Mirim.

A Feira Livre de Ceará-Mirim nos faz pensar no lugar, como expressão geográfica da singularidade, muito embora ligado a uma dinâmica universal da qual todos os lugares fazem parte hoje. Ceará-Mirim como lugar nessa perspectiva caracteriza-se por uma realidade na qual é considerado tanto produto de uma dinâmica que é única, (a dinâmica dos espaços globais), ou seja, resultante de características históricas e culturais, mas que também se relaciona ao seu processo de formação socioespacial. Neste sentido, o lugar se apresentaria como o ponto de articulação entre a mundialidade que se encontra em constituição e o local, como especificidade concreta e enquanto momento, conforme Carlos (2007).

Se configurando com uma manifestação da tradicionalidade no sentido da permanência e perpetuação de práticas e costumes, a feira livre em análise tem como marca significativa a confiança e a reciprocidade como a base dos negócios, muito embora vivamos numa sociedade marcada pela transgressão. Tal marca das sociedades tradicionais, é responsável por muitos dos seus feirantes terem acesso ao crédito para manter seus negócios; acesso, portanto à rede de trocas, estabelecida numa rede maior dentro da economia urbana e intermunicipal. Dessa forma, a importância das feiras caracteriza-se, dentre outras especificidades pela ética dos seus participantes, sendo as relações de negócios avivadas pelas relações de proximidade.

De acordo com essa autora, “a realidade do mundo moderno reproduz-se em diferentes níveis, no lugar encontramos as mesmas determinações da totalidade sem com isso eliminar-se as particularidades, pois cada sociedade produz seu espaço, determinando os ritmos da vida, os modos de apropriação expressando sua função social, seus projetos e desejos (CARLOS, 2007).

Enquanto dimensão do mercado e do cotidiano semanal de Ceará-Mirim, a feira livre se configura num exemplo típico dessas singularidades. Para Santos (1988) quanto mais os lugares se mundializam, mais se tornam singulares e específicos, ou seja, únicos. Essa característica é resultado direto da especialização acelerada dos elementos do espaço – homens, firmas, instituições, meio ambiente, como também da dissociação sempre crescente dos processos e subprocessos fundamentais à acumulação de capital.

Apesar das peculiaridades inerentes à Feira Livre de Ceará-Mirim, não se pode esquecer que esta se encontra profundamente interligada às dinâmicas do comércio global. Assim, de acordo com Santos (1988), ao mesmo tempo em que a singularidade garante configurações únicas aos lugares, estes estão em interação, pois graças à atuação das forças motrizes do modo de acumulação hegemonicamente universal - o capitalismo – isso se torna uma realidade constante e em expansão.

A Feira Livre de Ceará-Mirim desempenhou e desempenha um papel significativo na história daquele lugar, e, portanto, na vida cotidiana de dezenas de sujeitos que lutam diariamente pelo seu ganha pão. A Dona Josefa Nunes Vieira é um exemplo disso. Com 92 anos de idade ela é a feirante-vendedora mais antiga dessa feira. Exemplo de vida, de pessoa e de dedicação ao trabalho. Desde 1952 que ela participa da Feira Livre de Ceará-Mirim, vendendo cheiro-verde, frutos e legumes. Essa feirante-vendedora quando fizemos nossa pesquisa de campo tinha 92 anos de idade e dois meses, sendo a pessoa mais antiga desse espaço de sobrevivência e um exemplo para todos aqueles vivem dessa atividade laboral, mostrando que existem outras formas de sobrevivência social, além daquelas vinculadas ao circuito das grandes empresas e às formas de comércio baseadas na alta tecnologia, que por sinal é muito escassa nessa cidade, que precisam ser mais valorizadas, como é o caso das feiras livres existentes em muitas cidades nordestinas e em especial em Ceará-Mirim.

### **Considerações Finais**

Ao término da feira os feirantes-vendedores vão embora para suas casas com o sustento familiar da semana. Muitos, depois que a feira acaba, trocam entre si muitas

mercadorias que sobraram, fato que reafirma mais ainda a feira livre como uma manifestação popular importante frente a esse mundo de relações perversas, onde quem não tem dinheiro não nem sequer toma uma água, dadas as relações sociais serem cada vez mais capitalistas. A feira livre consegue sobreviver aos tempos modernos sem mudar demasiadamente, pois permanece com o vigor comunal embora sendo um local de transações comerciais entre pessoas, sofrendo pequenas adaptações. Isso é comprovado quando percebemos uma feira livre aqui no interior do Nordeste e em São Paulo, por exemplo, uma vez que basicamente não existem diferenças gritantes, embora as existências de ambas sejam particulares, pois nas cidades menores, ela chega a ser a única forma de comercialização, daquele local, como existem lugares no Norte do Brasil com essa característica, se mostrando como um ponto de cultura, lazer e comércio maior em relação às cidades maiores.

Com a expansão do comércio e das formas espaciais inerentes a este, surgiram novas estruturas permitiram o afastamento de realização das compras da rua apinhada, com seus ruídos, coloridos e singularidades que só as feiras livres apresentam. Ou seja, a Feira Livre de Ceará-Mirim perdeu fregueses para os mercados, mercadinhos e supermercados existentes na cidade, mas ainda se configura em um fenômeno importante para o município e região.

No tocante à natureza dos produtos expostos verificamos que as hortaliças, legumes, produtos rurais, dentre eles doces, rapaduras, farinha de mandioca, milho e feijão verde, etc., somam mais de 60%. Já CDs, DVDs, e outros produtos industrializados, compõem aproximadamente 15%.

Desde sua gênese essa feira atrai moradores das vizinhanças como de Gravatá, Massangana, Itapassaroca e outras localidades. Com a montagem da linha de trem, a feira ganhou novo crescimento, principalmente devido a circulação de moeda, que passou a se fazer presente com mais intensidade intento.

A Feira Livre de Ceará-Mirim se configura num espaço de sobrevivência de muitos sujeitos potiguares, caracterizando-se não somente através das formas de comércio pelas quais as pessoas sobrevivem, mas a partir do fazer e da criatividade num processo de trabalho ímpar.

A partir desta investigação, notamos o quão importante é essa feira, sobretudo no que concerne à dinâmica da economia local, desse município. Dinamicidade essa que alavanca o comércio urbano. Essa atividade mantém viva algumas atividades e tradições importantes para a região, como a produção de alguns materiais artesanais presentes em

muitas barracas e no Mercado Público, a criação de gado (bovino, suíno e aves), cuja carne é comercializada nessa feira, dentre outras. É importante ainda pela instigação à produção de gêneros alimentícios – feijão, milho, batata doce, queijos, leite e manteiga etc. –, cuja origem é do pequeno agricultor rural, e o destino, muitos cidadãos ceará-mirienses.

Assim, a Feira Livre de Ceará-Mirim, nos faz perceber que nesse contexto de globalização, onde muitos não têm formas de acesso às formas hegemônicas de aquisição de consumo, que as feiras constituem-se como exemplo de solução dessa carência. Além, é claro de poder passear, conversar com amigos, enfim, tecer sociabilidades, ações cada vez mais se tornando efêmeras na sociedade espaço-tempo do presente.

Constatamos ainda que a referida feira se apresenta também como um momento de rever conhecidos, como uma mistura de lazer e cotidiano. Embora as pessoas estejam realizando ações do tipo rotineiras, necessárias, mas não deixando a oportunidade de viver algo diferente, do dia-a-dia agitado<sup>8</sup> que vivem. Dessa forma, a feira estuda se configura como uma (re) produção da cultura popular extremamente importante, além de ser um local lúdico, alegre, cheio de ditos populares, conversas, sons diversos e unido, algo que podemos assemelhar às palavras de Ferreira (2006, p. 116-117): “Todos esses elementos [...] fazem parte de um complexo comunicacional composto por textos, músicas, danças, imagens, oralidade, crenças, costumes e toda a sorte de práticas culturais [...]”. Exemplos disso são as famosas frases gritadas pelos feirantes-vendedores. Muitos deles chegam até a cantá-las no sentido de atrair seus feirantes-consumidores. O que é isso senão canções populares típicas que só se encontram na feira?

Percebemos, contudo na pesquisa que, aos sábados a dinâmica de todas as ruas de Ceará-Mirim converge para os mercados já anteriormente citados, configurando uma paisagem de sujeitos citadinos e rurais, dinamizada por um ir e vir de transportes: caminhões, carros, motos, carroças, bicicletas etc., numa singularidade peculiar, cuja expressividade é o comportamento da cidade, marcada pela interação social, de indivíduos de todo o município e de todas as faixas etárias, numa teia de sociabilidade cuja expressividade é o comentário de assuntos de últimas ocorrências, últimas notícias da região, comes e bebes no Mercado Público, demonstrando mais um aspecto de importância dessa atividade para Ceará-Mirim. Em suma, essa feira se configura ainda

<sup>8</sup> Na feira há a possibilidade de frear, de certa forma, o ritmo frenético/acelerado do cotidiano, que o meio e período técnico-científico-informacional nos impõe, pois na feira é possível de se fazer uma compra de maneira mais calma, com mais descontração, enfim, mais prazerosa.

como um elemento de significativa relevância para a economia e dinâmica local, meio rural e de seus habitantes de uma forma geral, sendo também uma resistência econômica, socioespacial e cultural, representada em seu acontecer semanal.

Outro fator importante desvelado na pesquisa foi o fato de nesse local, haver relações de confiança, amizade e troca. Ou seja, não existe apenas a compra e venda de produtos diversos. Há confiança tanto no valor e qualidade dos produtos comercializados, quanto nos feirantes-vendedores e destes nas pessoas conhecidas e até não conhecidas circulantes no local. Enfim, de focos às lembranças, compra e venda, a Feira de Livre de Ceará-Mirim está rica, cuja preservação dos costumes e da rotina mantêm-se, necessitando de ser mais valorizada pelo Estado.

Dessa forma, buscar compreender as diversas e múltiplas estratégias de resistência socioespaciais, fruto dos intensos processos de homogeneização sociocultural, impostos pelo atual período técnico-científico-informacional é um desafio que move geógrafos e outros estudiosos das Ciências Humanas e Sociais.

## Referências

ALMEIDA, S. P. N. C. **Fazendo a feira**: estudo das artes de dizer, nutrir e fazer etnomatemático de feirantes e fregueses da Feira Livre do Bairro Major Prates em Montes Claros – MG. 2009, 135f. Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento Social. UNIMONTES. Montes Claros MG.

**BÍBLIA SAGRADA**: edição pastoral. Paulus, São Paulo, 1991.

CARLOS, A. F. A. **O lugar no/do mundo**. São Paulo: Labur Edições, 2007.

FERREIRA, M. N. Comunicação, resistência e cidadania: as festas populares. **Comunicação e Informação**. v. 9 n. 1 p. 111-117 – jan/jun. 2006.

GONÇALVES, D. **Os bastidores de uma feira livre**: consumidores e feirantes falam sobre o velho hábito de ir à feira. CENAS URBANAS. Eclética, JUN/JUL, 2007.

GUIMARÃES, C. A. 2010. **A Feira Livre na Celebração da Cultura Popular**. Gestão Cultural e Organização de Eventos. USP - São Paulo. Disponível em: <http://www.usp.br/celacc/ojs/index.php/blacc/article/view/140>. Acesso em 29 de abril de 2013.

HUBERMAN, L. **História da riqueza do homem**. 21. ed. Rio de Janeiro: LTC editora, 1986.

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (2005) *Histórico de Ceará-Mirim*. <http://www.ibge.gov.br>. Acesso em 01 de junho de 2010.

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **IBGE cidades:** Ceará-Mirim. Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br/cidadesat/painel/painel.php?codmun=240260>>. Acesso em: 29 abril de 2013.

MELO, B. C. de. Estória de oitava da Feira do Cera-Mirim. *In:* ARRAIS, R. P. A.; et al. **Ceará-Mirim:** tradição, engenho e arte. Natal: SEBRAE/RN/UFRN, 2005. p. 81-87.

MORAIS, I. R. D.; ARAÚJO, M. A. A. de. Territorialidades e Sociabilidades na Feira- Livre da Cidade de Caicó (RN). *In:* **Caminhos de Geografia** n. 23 (17). p. 244-249, fev/2006. Disponível em <http://www.seer.ufu.br/index.php/caminhosdegeografia/article/view/15406>. Acesso em 29 de abril de 2013.

MUMFORD, L. **A cidade na história:** suas origens, transformações e perspectivas. 4. ed., São Paulo: Martins Fontes, 1998.

SANTOS, J. E. **Feira livre e circuitos da economia urbana:** um estudo da Feira da Pedra, em São Bento (PB). Natal, 2012. 294 f. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Universidade Federal do Rio Grande do Norte, 2012.

SANTOS, M. **O espaço dividido:** os dois circuitos da economia urbana dos países subdesenvolvidos. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1979. (Ciências sociais).

\_\_\_\_\_. **Metamorfose do Espaço Habitado.** São Paulo: Hucitec, 1988.

\_\_\_\_\_. **A urbanização Brasileira.** 2. ed. São Paulo: HUCITEC, 1994. (Estudos urbanos; 5).

\_\_\_\_\_. **Da totalidade ao lugar.** São Paulo: Edusp, 2005.

\_\_\_\_\_. **Técnica, espaço, tempo:** globalização e meio técnico-científico informacional. 5. ed. São Paulo: Edusp, 2008. (Coleção Milton Santos; 11).

\_\_\_\_\_. **A natureza do espaço:** técnica e tempo, razão e emoção. 4. ed. 5. reimpr. São Paulo: Edusp, 2009. (Coleção Milton Santos; 1).

SANTOS, M.; SILVEIRA, M. L. **O Brasil:** território e sociedade no início do século XXI. 4. ed. Rio de Janeiro: Record, 2002.

SAQUET, M. A. **Abordagens e concepções de território.** São Paulo. Expressão Popular, 2007.

SILVEIRA, M. L. Metrópolis brasileiras: un análisis de los circuitos de la economía urbana. **Revista eure** (Vol. XXXIII, N° 100), pp. 149-164. Santiago de Chile, diciembre de 2007.

*Recebido em Setembro de 2013.*

*Publicado em Janeiro de 2014.*